

ANDRADE, Luis Martínez. **Fútbol y teoría crítica: ilusiones del balón y del sujeto abstracto**. Santander/Espanha: Editorial La Vorágine, 2022.

## **Uma história crítica do futebol mundial**

Flávio Munhoz Sofiati<sup>1</sup>

“La literatura y el fútbol, en ocasiones, pueden hacer emerger la miseria humana que intenta ser escondida por la despreciable sociedad del espectáculo” (p. 156)

O livro de Luis Martínez Andrade, que discute o futebol mundial em confluência com a crítica da modernidade a partir da teoria crítica, oferece um conteúdo instigante que articula o pensamento sociológico com a história de um dos esportes mais populares do planeta. Com uma escrita fluída e envolvente, o autor nos leva ao universo do futebol para demonstrar que, mesmo em um ambiente tão dominado pela lógica capitalista, há elementos de resistência que precisam ser trazidos à luz pelas ciências sociais.

O autor, que visita os estádios nas cidades em que viaja assim como o fiel visita suas igrejas, manuseia sua pesquisa documental na perspectiva de Walter Benjamin, isto é, com o intuito de reescrever a história, de buscar em cada documento histórico seus “traços definitivos”. Os estádios são entendidos como espaço de manifestações políticas, seja em defesa do fascismo (como no Leste Europeu) - e mesmo com a presença do fascismo no futebol italiano - ou da democracia (como na América Latina); destaca ainda os setores politizados das torcidas organizadas, como o Raja Casablanca do Marrocos. Andrade parte do futebol para pensar a sociedade. Ainda mais, para pensar a esquerda e sua relação com as pessoas na sociedade; para pensar a esquerda e as ilusões que ofuscam as utopias de outro mundo possível.

A obra desvenda o papel dos estádios de futebol como o novo templo de um culto de uma religião sem deus e a mitologização da sociedade burguesa. Trata-se de um “templo moderno” de reconfiguração do espaço moderno e reificação do imaginário cultural. Corresponde à lógica sacrificial da construção

---

<sup>1</sup> É professor associado de Sociologia da UFG - Universidade Federal de Goiás, na Faculdade de Ciências Sociais. Email: sofiati@gmail.com

dos estádios com dinheiro público, com o sacrifício dos trabalhos dos migrantes, trabalho exaustivo e frequentemente perigoso que coloca em risco a vida dos trabalhadores. Analisa, enfim, por meio da tese da “pulsão destrutiva do futebol espetáculo”, a mercantilização do futebol, da transformação do jogador em “coisa”, em mercadoria, assim como são os trabalhadores no capitalismo.

Entretanto, o livro evidencia as possibilidades presentes no mundo do futebol, permeado pela lógica do capitalismo excludente, de crítica ao sistema societário contemporâneo. Por exemplo, apresenta detalhes da resistência ao nazismo no mundo do futebol. Ademais, apresenta ao leitor a outra possibilidade de ser de um jogador de futebol para além do modelo predominante. Conta a história de jogadores que lutaram contra o fascismo na Europa e contra as ditaduras na América Latina. O livro traz, por exemplo, a história de Rino Della Negra, jogador de origem italiana que atuou no futebol francês e lutou contra a invasão nazista na França, evidenciando seu contraste com a história recente dos jogadores da seleção brasileira de futebol envoltos em uma lógica de jogador celebridade e preocupados fundamentalmente com seus ganhos particulares, futebolísticos e econômicos. Mas o Brasil não fica de fora de sua síntese analítica de busca pelos fleches históricos críticos presentes no mundo do futebol. Há no livro um relato acerca da democracia corintiana e o resgate do slogan que caracterizou aquela equipe dos anos 1980 em sua luta dentro e fora de campo: “Ganhar ou perder, mas sempre com democracia”.

O texto enfatiza a importância do papel social dos jogadores de futebol que, em sua maioria, estão preocupados com sua riqueza particular e quando se aposentam continuam colaborando com as engrenagens de um sistema que reflete a realidade capitalista individualista e competitiva. O autor, em seus relatos à contrapelo, traz a história de vida de jogadores que fizeram a diferença na luta contra esse sistema societário global. Luis Martínez apresenta a história o ex-jogador da seleção francesa campeã da Copa do Mundo de 1998, Lilian Thuram, e sua luta contra o racismo.

O livro também apresenta elementos que colaboram para o entendimento da realidade contemporânea, por exemplo, quando relembra a estratégia fascista de criação de inimigos internos “imaginários” afim de desestabilizar a estrutura democrática de um país para dominá-lo

autoritariamente, conforme demonstra Horkheimer em seu texto manifesto intitulado *Estado Autoritário*.

Enfim, a obra em voga é formada por um conjunto de pequenas e potentes narrativas que confluem, inspirado em Walter Benjamin, em “relâmpagos da história”, ou seja, visto em conjunto se configuram em ferramenta intelectual que revela o mundo em torno do futebol, suas ilusões, mas também suas potencialidades revolucionárias. As narrativas presentes na obra dão exemplos concretos de como “pentear a história a contrapelo” ao resgatar figuras e contextos históricos negligenciadas pela historiografia oficial.

Sua aplicação dos autores da Escola de Frankfurt como estratégia cognitiva de interpretação dos documentos coletados para análise da história do futebol mundial, resulta em uma abordagem crítica e criativa deste esporte popular na maior parte do planeta. Retrata, por exemplo, a história contraditória de Diego Armando Maradona, considerado um dos melhores jogadores do mundo e um sujeito controverso que reflete o machismo de sua época, mas também seu posicionamento em defesa de governos de esquerda na América Latina.

O autor ensina teórica crítica em conjunto com relatos históricos do futebol mundial, desvendando os fleches de luz dentro de um ambiente que expressa o que é o conjunto da sociedade, sua estrutura. Um outro exemplo primoroso do livro está na descrição da trajetória de Riquelme, jogador argentino detentor da camisa 10, e sua caracterização enquanto um atleta não-contemporâneo (ou acontemporâneo com na acepção de Bloch), diante de uma realidade futebolística cada vez mais inserida na lógica das estatísticas e do cálculo que travam as jogadas com espontaneidade, improvisação e liberdade dos jogadores. Retrata também o modo de vida boêmio, despojado e comunitário de El Mágico Gonzáles, jogador de El Salvador que optou por jogar em um clube pequeno para manutenção de um estilo de vida cotidiana que procurava se distanciar do modelo profissional difundido no mundo do futebol.

Demonstra como a Europa se tornou um território fechado para os migrantes apesar de vender a ideia de ser democrática e humanista. Conta o episódio da crise ecológica de Chernobil e a indiferença de muitos países para com as crianças ucranianas que procuravam estrutura para seus tratamentos.

Relata que as mesmas foram acolhidas por Cuba apesar da Ucrânia apoiar o embargo norte-americano à ilha do Caribe.

Apresenta ainda a tese da violência das torcidas organizadas, como no caso dos hooligans na Inglaterra, como resultado da violência estrutural produzida pelo Estado neoliberal. O livro também traz relatos instigantes de histórias de vida vinculadas ao futebol mundial, como no caso do chamado “carniceiro dos Balcãs” e sua trajetória de jovem delinquente a assassino contratado pelo Estado e miliciano violento de interesses particulares.

Analisa também as redes de corrupção no mundo do futebol, da relação da FIFA com as grandes corporações mercantis e governos autoritários, fascistas e ditatoriais, evidenciando a ideia de futebol moderno a serviço dos lucros de grupos de poder. O livro desnuda as imoralidades da FIFA em suas práticas de evasão fiscal, tráfico de influência, corrupção e lavagem de dinheiro. Constata a FIFA enquanto instituição de reprodução das formas mafiosas do capital ou como chama o economista brasileiro Márcio Pochamann, capitalismo jagunço. A FIFA é uma instituição que chega a ser maior que a própria ONU (Nações Unidas) em termos de países associados, sendo capaz de promover a fusão dos interesses do grande capital com dos dirigentes da FIFA desde o final dos anos 1970, fazendo assim do futebol a principal propaganda dos ideários do capitalismo. A gestão sem transparência da entidade máxima do futebol mundial contribui com a alienação sociais dos torcedores, configurando-se em “instrumento de manipulação global”.

Enfim, o autor conta a história do futebol do ponto de vista dos vencidos da história (Benjamin), promovendo as experiências do futebol mundial que vão na contramão do que predomina. Aponta caminhos de articulação da Teoria Crítica com outras perspectivas teóricas como, por exemplo, a episteme feminista. Valoriza histórias particulares, pessoais, locais, nacionais, internacionais, contadas a partir da relação com o mundo do futebol como, por exemplo, a história da jogadora norte-americana Megan Rapinoe e sua luta contra a política fascista de Donald Trump nos EUA. Valoriza o tema das emoções, visto que fazer política envolve sentimentos e o autor se colocar em defesa das vítimas do sistema. Se Eduardo Galeano foi capaz de resgatar o caráter festivo e comunitário do futebol, Luis Martínez Andrade recupera o caráter de

resistência de personagens históricos que colaboraram com a luta por um outro modelo de sociedade e de futebol.